# **ARTIGO**

# O Brasil latino-americano: colonialidade, défice republicano e inquietações sobre/para o futuro, pela perspectiva descolonial

Denise Tatiane Girardon dos Santos<sup>1</sup>

**Como citar este artigo:** SANTOS, Denise Tatiane Girardon. O Brasil latino-americano: Colonialidade, défice republicano e inquietações sobre/para o futuro, pela perspectiva descolonial. **Revista de Ciências do Estado.** Belo Horizonte: v. 6, n. 1, e26211. ISSN: 2525-8036.

Resumo: O artigo tem o objetivo de realizar uma abordagem sociopolítica contemporânea brasileira, sob a óptica da descolonialidade e pelo recorte geopolítico latino-americano. Após as independências nacionais, os Países do Continente mantiveram características colonialistas, como governos oligárquicos e acentuado défice de participação popular na vida pública. O problema de pesquisa que se pretende responder é: há elementos atuais que configurem a manutenção da colonialidade no Brasil atual? A possível hipótese é que a classificação social pelo critério de raça, a desigualdade e a acentuada concentração de renda, o desenvolvimento dependente e as recentes alterações legislativas nos campos trabalhista e previdenciário, resultando na fragilização de direitos sociais, são elementos indicativos de práticas neocolonialistas no Brasil, mas, também, em outros países da América Latina, agravados pela pandemia de SARS-CoV-2. Como conclusão, aponta-se que, no campo sociopolítico, a polarização e o populismo demagogo do projeto de governo federal atual indicam que são frágeis os avanços de participação popular democrática; por outro lado, há movimentos sociais inéditos, organizados por grupos neomarginalizados<sup>2</sup>, como o Breque dos Apps, enquanto possibilidade de uma nova perspectiva de consciência política e de participação social.

<sup>1</sup> Doutora em Direito pela UNISINOS. Docente do Curso de Direito da UNICRUZ e do Curso de Direito da FEMA.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Expressão, utilizada pela Autora, para indicar grupos que, apesar de, historicamente, pobres e excluídos, são as vítimas de novas formas de exploração e prosseguimento da marginalização, como, por exemplo, as entregadoras e os entregadores de Aplicativos.

**Palavras-chave:** Populismo. Défice republicano. Brasil. Crise sociopolítica. Neomarginalização.

## Considerações iniciais

Este texto é uma tentativa<sup>3</sup> de compreensão do Brasil na atualidade, destacadamente, em 2020, ano que, talvez, o único elemento novo seja a pandemia, causada pelo SARS-CoV-2, haja vista que os acontecimentos sociopolíticos, que serão, aqui, abordados, têm raízes e decorrências históricas perceptíveis. Para tanto, optou-se por uma abordagem sob a óptica da colonialidade<sup>4</sup> e do decorrente défice republicano, características comuns aos países da América Latina. Assim, é possível traçar a pretensa abordagem correlacionando Brasil x América Latina x Brasil, uma vez que também interessam as relações que o Brasil (deixou de) manter ou intensificar com os Países vizinhos, ante as posturas adotadas pelo Governo Federal atual.

O *pensar* o Brasil no tempo presente, pois, se torna uma abordagem palpável na medida em que se volta para alguns aspectos históricos, quais sejam: o colonialismo interno, o populismo governamental e o neocolonialismo. Essas características são intrínsecas à colonialidade, que, ainda hoje, podem ser identificadas no Brasil (e na América Latina), de modo que a adoção deste conceito, elaborado desde o Sul Global, como *linha de condução* para esta reflexão, se apresenta como adequada, em uma espécie de revisitação de *matrizes*<sup>5</sup>, para a compreensão do tempo presente.

A provocação para este artigo partiu do texto, intitulado *Brasil, 2020: tentativa de diagnóstico*, de autoria do Professor Doutor David L. F. Gomes, que aborda vários elementos para *pensar o tempo presente* e, desse modo, ensaiar caminhos futuros, sem deixar de apontar as dificuldades de escrever sobre o Brasil, hoje.

<sup>3</sup> Como pontua o Professor Doutor David L. F. Gomes (2020, p. 1), ao afirmar que "[...] não há diagnóstico que não seja uma mera tentativa".

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Conceito cunhado por Aníbal Quijano (2005) para designar o que transcende o colonialismo histórico e se mantém após as independências nacionais.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Referência à tradição que, ao passo que dialogava com o passado, buscava respostas às questões características de cada época, com a finalidade de criação de um regime republicano (BIGNOTTO, 2013). Esse conceito fundamentou a tese sobre a possibilidade de constituição de uma matriz republicana latino-americana (SANTOS, 2020).

I

Para situar a leitora e o leitor, conceitual e historicamente, faz-se, no primeiro momento, uma explanação sobre a historicidade da América Latina, Continente em que se localiza o Brasil<sup>6</sup> (RIBEIRO, 2017). Pela óptica eurocêntrica, o Continente foi *descoberto* e *conquistado* pelos ibéricos, expressões contidas, até hoje, nos livros de história geral, e que denotam a desconsideração pelas sociedades existentes na região, cujos indivíduos foram chamados, genericamente, de *índios*<sup>7</sup>, palavra, até então, inexistente.

A premissa europeia era de superioridade em relação aos não-europeus, motivo pelo qual se *justificaria* a imposição de institutos sócio-econômico-políticos aos diferentes povos, assim como sua destruição deliberada, a partir de um elemento que foi apontado por Quijano, como o primeiro critério de classificação da sociedade mundial: a raça. O *índio* e, mais tarde, o *negro*, como identidades únicas e planificadas, são o resultado de uma ação artificial, produzida pela destruição da multiplicidade de sociedades, em que, de um lado, figuravam os civilizados e evoluídos europeus e, de outro, os bárbaros e precários povos do restante do mundo. Raça, pois, para Quijano (2005, p. 117), reflete o "[...] estabelecimento de uma nova ordem, de um novo padrão de poder, e emergiu como um modo de naturalização das novas relações de poder impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição".

A classificação artificial dos grupos humanos pela *raça* se constituiu no *fato* constitutivo da dominação não só do centro (Europa) para com *sua* periferia (mundial), mas de/entre grupos sociais, como as elites em relação aos empobrecidos, o homem em relação à mulher, a *alta* cultura em relação à cultura popular, o fetichismo religioso, dentre outros, como exemplifica Dussel (1996), ao tempo em que classifica este *percurso* nas fases de invenção, descobrimento, conquista e colonização.

Dessa forma, Quijano (2005, p. 117) afirma que as vítimas, desses conflitos de poder, foram consideradas como "[...] inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural", o que justificaria a dominação, ininterrupta e intensa, em todas as esferas individuais e sociais. Nesse cenário, foram estabelecidas as

<sup>6</sup> Afirmação que, geograficamente, é incontestável, mas que, historicamente, merece ser destacada, haja vista as peculiaridades entre o Brasil e os demais Países da América Latina, estabelecidas desde as invasões e colonizações de predominância portuguesa e espanhola, respectivamente. Ribeiro destaca que o isolamento das colônias latino-americanas impediu a comunicação e a unicidade política, ou, ao menos, uma comunicação capaz de estabelecer um diálogo político, o que, para Ribeiro, se resumiu à uniformidade sem unidade, ou coexistência isolada (RIBEIRO, 2017).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> A história oficial remonta ao fato de que os portugueses, na viagem que eclodiu no *descobrimento* do Brasil, pretendiam chegar às Índias, visando ao comércio (MELATTI, 2001).

condições que viabilizaram a estruturação de um padrão mundial eurocêntrico de mundo, a chamada modernidade, que, para Dussel (1994), se inicia em 1492. Por isso, a modernidade tem vinculação direta com a colonialidade, duas faces de um mesmo processo histórico que inaugurou, nas palavras de Silva Filho (2008, p. 291), a "[...] negação do mito sacrifical da Modernidade", e viabilizou a constituição do sistema-mundo capitalista colonial-moderno ainda vigente e, agora, evidenciado pela inédita crise, decorrente da pandemia de SARS-CoV-2.

II

Estabelecido, então, o colonialismo na América Latina, com suas características peculiares, está-se, diante, também, da colonialidade, conceituada, por Quijano (2009, p. 73) como "[...] um dos elementos constitutivos e específicos de um padrão mundial de poder capitalista", com um grupo (auto)centrado que, munido do critério classificatório racial, se impôs aos demais como "[...] pedra angular daquele padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e da escala social", enquanto único *lócus* de enunciação de validade.

Essa centenária e maciça interferência nas identidades forjou implicações também, no/do consciente dos indivíduos, já que a dicotomia moderno/colonial criou dois planos, refletidos nas subjetividades de melhor/pior, ativo/passivo, e na "[...] duplicidade de consciência que a consciência colonial gera", conforme Mignolo (2005, p. 39). A prática da colonialidade impôs, pois, aos *naturalmente inferiores*, essa falsa noção, assim como papéis<sup>8</sup>, igualmente, subalternos, como da mão-de-obra braçal, da incompletude da cultura, da religiosidade e do intelecto, convencendo o *inferior* de sua inferioridade. Ribeiro (2017, p. 24) destaca que foi tolhido do povo o direito de aspirações próprias para sobreviver e prosperar, porque foi reduzido a "[...] combustível humano em forma de energia muscular, destinado a ser consumido para gerar lucros".

Mesmo após as independências nacionais, as práticas coloniais de dominação prosseguiram pelo colonialismo interno, conceituado, por Mignolo (2005, p. 43), como a "[...] diferença colonial exercida pelos líderes da construção nacional". Significa que a reivindicação de uma nacionalidade não foi acompanhada da negativa da europeidade: mesmo

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> O *não-papel* é aquele primário, braçal, explorado, que, ao mesmo tempo que era invisibilizado, representava o suporte econômico da minoria elitizada, dominante do poder e nos espaços de Poder (SANTOS, 2020, p. 109).

periféricos, a dupla consciência fazia com que os *revolucionários* se considerassem europeus<sup>9</sup>, o que caracterizou "[...] a intelectualidade independentista e seu legado à consciência nacional durante o século XIX" (2005, p. 44).

Pomer (1981, p. 10) explica que a emancipação política da América Latina "[...] implicou uma passagem de todo o poder político àqueles que já possuíam a maior parte do poder econômico", criando uma imbricada situação de composição, sob o ideário de nação, de interesses tão distintos (por vezes, até mesmo opostos) de dirigentes, comerciantes, militares e populares. Esse mosaico reflete a formação de uma *sociedade de castas*, em seus valores, comportamentos e relações, eis que, conforme Ianni (1988, p. 6), no colonialismo interno "[...] o Estado é forte, a democracia episódica, a ditadura recorrente".

Mantiveram-se as oligarquias governamentais, e, para Sousa (2014, p. 68), um "[...] modelo conservador e perfeccionista, resultante de uma combinação de imposição de valores morais e da autoridade estatal", posto sobre bases agrárias, até porque, de acordo com Wolkmer (2006, p. 84), a soberania estatal regional é, historicamente, dependentista, "[...] uma das oposições fundamentais que caracteriza toda e qualquer forma de Estado na América Latina".

Da colonialidade do poder, advém o discurso *populista demagogo* (DURÁN, 1996) das diferenças, aparentemente, inconciliáveis, em que o povo é considerado como incompleto, fragmentado, limitado e, para tanto, deve prosseguir tutelado e representado pela única figura com força simbólica para a mediação social, apontada por Ianni (1989, p. 91): o governante, que acumula a "[...] identidade Estado-chefe-povo [e] não deixa lugar à diversidade das classes sociais e seus antagonismos".

Ianni (1989, p. 10-11) afirma que "[...] o populismo corresponde a uma modalidade particular de organização e desenvolvimento das relações e contradições de classes sociais na América Latina", caracterizado pela intrínseca assimilação entre o governante e as massas (mesmo em ditaduras) e a aproximação do Estado com a economia, cuja postura é protecionista com a política externa, e redistributiva, na interna. O populismo aparece nas cúpulas, lugares "[...] dos governantes, políticos burgueses profissionais, burguesia nacional, burocratas políticos, pelegos, demagogos", gente que manipula as manifestações e as possibilidades de consciência das massas, ou, se necessário, as abandona, "[...] sem antes

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Conforme Mignolo (2005, p. 40), "[...] tratava-se de serem americanos sem deixarem de ser europeus; de serem americanos, mas diferentes de ameríndios e da população afro-americana. Se a consciência nativa definiu-se em relação à Europa em termos geopolíticos, em termos raciais é que foi definida sua relação com a população *criolla* negra e com a população indígena".

impedir que elas avancem um passo decisivo nas lutas políticas" (1989, p. 11). Gorczevski e Martín (2011) acrescentam que o governante populista é paternalista e confunde as esferas pública e privada na figura central do Chefe de Estado.

A insuficiência do diálogo social imiscuiu o interesse/a identidade nacional e forjou o paradoxo da coexistência de Estados independentes e de sociedades coloniais na América Latina (QUIJANO, 2005). A região prosseguiu com o neocolonialismo (a nível internacional), condição, caracterizada por Casanova (2006), como: território com fragilidade de governança, elites centralizadoras da administração jurídico-política, défice de participação do povo nos espaços públicos, distanciamento dos interesses das classes *superiores* frente às classes populares. Mantidas as desigualdades, a frágil industrialização, o défice educacional e tecnológico, a América Latina prossegue fornecendo, primacialmente, produtos primários, com baixo valor agregado, e consumindo esses mesmos produtos, que retornam, importados, industrializados, com alto valor agregado.

#### Ш

Traçados os conceitos gerais, pretende-se discutir os elementos que apontam para a manutenção da colonialidade, do populismo e do neocolonialismo, propriamente, no Brasil, mas, também, em suas relações com os demais Países da América Latina.

A predominância da base agrícola prossegue pautando a economia<sup>10</sup> (mercado agrícola e de *commodities*), reforçando a percepção de que a América Latina e, especialmente, o Brasil, seria o *celeiro do mundo*. Em época pandêmica, as exportações agrícolas do Continente aumentaram 8,5%, enquanto, em todos demais setores econômicos dos Países latino-americanos, houve queda de 30% (IICA, 2019).<sup>11</sup>

No Brasil, o CENSO Agro 2017 demonstrou que, em relação a 2006, o agronegócio aumentou a ocupação na área agrícola total (de 35% para 77%), a concentração de renda (aumento de 69%), avançou no Norte e Centro-Oeste (biomas amazônico e cerrado), acentuando os conflitos fundiários, e aumentou o uso de agrotóxicos (20%). A agricultura familiar, por sua vez, corresponde a 77% dos estabelecimentos agrícolas, mas ocupa, apenas, 23% da área agrícola total, mesmo respondendo por 67% da empregabilidade do setor e pela

Assunto abordado por primeiro, tendo em vista a posição do Continente para a estruturação e manutenção do capitalismo mundial.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Dados do Centro de Análise Estratégica para a Agricultura (CAESPA) do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), de abril/2020 em comparação com abril/2019.

maioria da produção de alimentos<sup>12</sup>. Além disso, o aumento de receita foi de 16% (praticamente, 50% menos em relação ao agronegócio) e teve redução de 2,2 milhões de postos de trabalho, o que se deve, principalmente, pela concentração de terras e a mecanização (IBGE, 2017).

A estrutura agrária, portanto, se mantém latifundiária, monocultural e voltada à produção de *commodities* agrícolas de exportação. Na América Latina, o 1% de propriedades/estabelecimentos rurais detém 51% de toda a superfície agrícola; no Brasil, a média é de 45% (OXFAN, 2019). Esses dados apontam que o Brasil prossegue com as características colonialistas de concentração de terras, de renda, de exploração de recursos naturais e de mão-de-obra, de violência, em decorrência do avanço do latifúndio e de disputas fundiárias.

O lado visível da modernidade é ressaltado (a exemplo da expressão *O agro é pop*), mas a pobreza e as desigualdades, que compõem seu lado oculto, que é a colonialidade, não têm o mesmo destaque, mesmo com as intensas atuações dos movimentos de resistência, e apesar de estar-se, cada dia mais evidente, a insustentabilidade desse modelo moderno. Esse cenário é abordado pelo Professor David (2020, p. 4), quando aponta, como um dos fragmentos do *corpo adoecido*, a crise da natureza e da vida no campo, concomitante à mesma situação de precariedade "[...] de cidades fragilizadas, a inadequação ecológica, econômica e social de um processo de urbanização precário, mal planejado e insistentemente remendado".

No espaço urbano, exemplifica-se a continuidade da colonialidade com o que se convencionou chamar de *uberização* do trabalho, o discurso falacioso do empreendedorismo, decorrente do individualismo atomizado, voltado aos neomarginalizados, em que a pessoa deixaria de ser empregada e passaria a ser *empreendedora*, com uma ideia de *patrão de si*<sup>14</sup>, formato de sociedade "[...] tomada como um grande mercado de competição contínua. Nela, tudo deve ser aferido em termos de escolha racional, de esforço e de recompensa por mérito ou castigo por demérito", nas palavras do professor David (2020, p. 9). Para que o indivíduo se inclua no processo de produção de riqueza, necessita adquirir e manter os meios de produção próprios, o que não é sustentável. Gorczevski e Martín (2011, p. 176) identificam esse fenômeno como *populismo das elites burguesas e da classe média*, que "[...] utilizam taticamente as massas operárias e os setores mais pobres da classe média. Esse populismo

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Percentuais: 80% do valor de produção da mandioca, 69% do abacaxi e 42% da produção do feijão.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> O caso mais extremo é o da Colômbia, em que 0,4% das propriedades detém cerca de 67% da terra produtiva.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Expressão utilizada por Souza (2012).

instrumentaliza as massas trabalhadoras, ao mesmo tempo que manipula as manifestações e as possibilidades da sua consciência".

Essa precarização foi evidenciada no movimento *Breque dos Apps*, uma paralização nacional, realizada na segunda metade do mês de julho, promovida por entregadores de aplicativos, insurgentes em face da redução dos valores recebidos e da precarização das condições e trabalho em face da situação de distanciamento social, sem lhes ser viabilizadas, por exemplo, medidas de redução dos riscos de contaminação por SARS-CoV-2, alimentação, sanitários e proteção face à possibilidade de acidentes durante as entregas, situação relatada por 57,7% das pessoas que desenvolvem essa atividade (BBCNEWS, 2020a).

As estimativas apontam para um aumento de 158%, no primeiro semestre de 2020, de pessoas que passaram a realizar entregas, se utilizando de bicicletas ou motocicletas (250 mil em 2019 para 645 mil em junho de 2020). Durante a pandemia, o número de entregadoras e entregadores com carga horária diária média de 9 horas passou de 57% para 62%, e aumentou em 34,4% as e os que auferem, semanalmente, valor inferior a R\$ 260,00 (BBCNEWS, 2020). As causas prováveis são a desvalorização da força de trabalho pelo aumento do número de entregadoras e entregadores, pois, para 60,3% destas e destes (pesquisa realizada em abril), a remuneração teve queda durante a pandemia (REMIR TRABALHO, 2020).

O movimento *Breque dos Apps* é inédito no Brasil e pode apontar para alguma reflexão social sobre, não só a exploração imposta a este grupo, mas, também, desvelar que as classes dominantes impingem àquelas a responsabilidade, única e exclusiva, pela sua potencial *derrota*. Essa é uma característica colonialista e da colonialidade, pois para Dussel (2005, p. 49), as vítimas da exploração e da violência eram consideradas culpadas pela condição de inferioridade, e, ao mesmo tempo, devedoras ao comportamento emancipador do moderno: "[...] inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da 'modernização' dos outros povos 'atrasados' (imaturos), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, etecetera". Em sua abordagem, o Professor David, (2020, p. 9 e 13), aponta que *igualdade abstrata altamente ilusória* "[...] é o estímulo maior da narrativa neoliberal, o *slogan* de uma liberdade que só se realiza no próprio indivíduo, e contra todos os demais", e que "[...] a culpa deve ser atribuída, em princípio, aos próprios miseráveis, que não fizeram e não fazem o esforço necessário para vencer na vida".

Para além da *superexploração* do trabalho, há um aumento constante no número de pessoas vivendo na pobreza e na extrema pobreza. De 2016 a 2017, a pobreza atingiu 26,5% da população, e a extrema pobreza, 7,4%. A população em situação de rua teve um aumento

de 53% em comparação de 2015 e 2019, na cidade de são Paulo (IBGE, CENSO 2019). A marca da exclusão foge da discussão sobre o aquecimento, ou não, da economia, pois, como destaca o Professor David (2020, p. 7), "não importa o quanto a economia se aqueça, elas permanecerão de fora, pois não possuem as qualificações mínimas para aproveitar-se de alguma onda de crescimento econômico".

#### IV

O desenvolvimento dependente também é verificado na esfera política, em que, possivelmente, o populismo seja a principal característica do atual Governo Federal. Mesmo nas prévias eleitorais, ao invés de conflito de ideias, ocorreram confrontos, por efeito da polarização e da falsa impressão de consenso do *povo* sobre os parâmetros/critérios democráticos mínimos, o que evidencia os elementos do populismo, delineados por Ianni (1989) e já mencionados, quais sejam, de intrínseca assimilação do (futuro) governante com as massas e da relação Estado-economia de protecionismo com a política externa, e de redistributivismo na interna. O Professor David (2020, p. 5) atenta para essas particularidades ao analisar o último processo eleitoral, quando "[...] o autoritarismo político e social explícito do projeto que venceu nas urnas em 2018 pôde chegar ao poder vinculando-se, por um lado, à batuta de uma proposta econômica liberalizante", cujo lema *menos Estado, mais mercado* repercutiu como uma promessa de resolução fácil e sem o *povo* considerar os riscos a si mesmo.

Santos (2016, p. 159), ao tratar sobre a difícil democracia, apontou o populismo como "[...] uma ideia política extremamente ambígua", delineando as ambiguidades: (i) a manutenção do distanciamento do povo, que "[...] pode ser classe, nação, identidade etnocultural, massa amorfa à espera de ser sujeito político, princípio fundador da subjetividade política, enquanto sede do poder soberana", distância essa que, ao mesmo tempo, exige que a figura, que se apresenta como governante, seja carismática e que aparente legitimidade única para atender aos anseios da população; (ii) a vocação antissistêmica, com pautas limitadas à crítica do sistema, mas que não podem existir fora dele; (iii) a extrema polaridade entre esquerda e direita, que gera divergências conflitivas impeditivas dos debates democráticos, e (iv) a crítica à representação com apelo à participação, que, intensificada, pode significar a exclusão de grupos sociais significativos. São decorrências diretas a

conflituosidade com os demais Poderes de Estado e a dificuldade de diferenciação do público e do privado, dada a intrínseca relação *Estado-chefe-povo*.

A definição de populismo, por Ianni, e os apontamentos de suas ambiguidades, por Sousa, tornam possível se voltar para o Brasil e elencar exemplos de comportamento populista, de parte do governo, e da permanência de posturas sociais pautadas no critério de raça/sociedade de castas. O exercício, que aqui é proposto é, meramente, exemplificativo, haja vista a intermitência dessas recorrências.

 $\mathbf{V}$ 

Em relação ao projeto, que ocupa o Governo Federal, o Presidente mantém, por um lado, a imagem de figura carismática, com o hábito de dialogar, diariamente, com simpatizantes em frente ao Palácio do Planalto, de forma amistosa, ao mesmo tempo em que trata a Imprensa com hostilidade e/ou cinismo, assim como a qualquer pessoa que lhe teça crítica ou aponte contradição. O carisma performático limita-se como retribuição aos estritos sinais de apoio. Da mesma forma, muitas das declarações<sup>15</sup> públicas convergem para um ou mais elementos do populismo.

A manutenção do distanciamento do povo evidencia-se pela postura indiferente do Presidente frente aos números da pandemia. No mês de abril, afirmou que "Eu não sou coveiro, tá?" (G1, 2020g) e "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?" (G1, 2020d), ao se referir sobre o recorde diário de óbitos. No marco das 100 mil mortes por SARS-CoV-2, em *live*, afirmou que "Lamento todas as mortes [...] Vamos tocar a vida e buscar uma maneira de se safar desse problema" (NEXO, 2020), ao mesmo tempo em que, em pronunciamento oficial, fez ataques contundentes a veículo de comunicação, atribuindo-lhe culpa por, segundo ele, espetacularizar a pandemia e estimular atritos entre os Poderes.

Em relação à estabilidade econômica de parte da população empobrecida, frente ao aumento do emprego informal no decorrer de 2019, o Presidente declarou, em março daquele ano, que esse dado representava o "melhor saldo de empregos dos últimos 5 anos para fevereiro" (TWITTER.COM, 2019), situação que atingiu índices recordes no terceiro trimestre de 2019, com 41,4% da população empregada no País (REVISTA FÓRUM, 2019) e, em março de 2020, no início da pandemia, contava com 40,6% (IBGE, 2020). Esse contingente de pessoas forma um dos grupos que passaram a demandar auxílio financeiro do

<sup>15</sup> A abordagem sobre as declarações é importante, porque elas representam o discurso simbólico-legitimador do projeto de governo (DURÁN, 1996).

Estado (6 em cada 10 informais) (FOLHA, 2020a), que, inicialmente, foi chamado, pelo Ministério da Economia, de *coronavoucher*, com previsão de pagamento de benefício de R\$ 200,00.<sup>16</sup>

A postura antissistêmica é inerente à vida pública do atual Presidente: em 1999, afirmou que "através do voto, você não vai mudar nada nesse País. Só vai mudar [...] matando uns 30 mil" e que "Eu sonego tudo que for possível. Se puder, não pago". Durante a campanha eleitoral, a Imprensa apontava o atual Presidente como "o candidato antissistema que se anuncia como salvador da pátria" (ESTADO DE MINAS, 2020), ao mesmo tempo em que era chamado de "mito" por apoiadoras e apoiadores. No decorrer de seu mandato, muitas foram as posturas contrárias à ordem democrática, a exemplo da reunião ministerial, de 22 de abril de 2020, com declarações do Presidente e de Ministra e Ministros, classificados como antidemocráticos; também, a declaração de "Vou intervir" (REVISTA PIAUÍ, 2020), referindo-se ao STF, em decorrência de um inquérito. Por fim, as participações em atos contrários à democracia, realizados entre os meses de abril a junho de 2020, em frente ao Palácio do Planalto, período de aceleração da curva de contaminação e de mortes por SARS-CoV-2.

A extrema polaridade entre esquerda e direita é representada pela radicalização das divergências e o desfavorecimento dos debates democráticos, seja pelos conflitos com os Poderes Legislativo e Judiciário e com Governadores de Estados, sobre a adoção de medidas, recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, para o enfrentamento da pandemia, ou, ainda, com declarações do tipo: "Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína" (NOTÍCIAS UOL, 2020). Soma-se, também, a hostilidade à Imprensa, a busca por comunicação com o povo sem intermediários, o que faz em *lives* semanais e em manifestações em redes sociais, e a incorreção de afirmações, já que, "em 576 dias como presidente, Bolsonaro deu 1.468 declarações falsas ou distorcidas" (AOS FATOS, 2020).

Por fim, a exclusão de grupos sociais significativos dos benefícios da democracia e da deliberação democrática, com a intensificação da crítica à representação, que se exemplifica com declarações contrárias, por exemplo, aos direitos humanos ("O erro da ditadura foi torturar e não matar", junho de 2016), à liberdade religiosa ("O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as maiorias", fevereiro de 2017), e a grupos minoritários, como homossexuais ("Seria incapaz de amar um filho homossexual. [...] prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um

<sup>16</sup> Posteriormente, o Projeto de Lei n°, 1066, de 2020, de Auxílio Emergencial, foi votado pelo Congresso e sancionado com o valor de R\$ 600,00, mas com vetos em pontos sensíveis, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

bigodudo por aí", junho de 2011), mulheres ("Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? "Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade", dezembro de 2014), quilombolas ("Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais.", abril de 2017) (ISTOÉ, 2018) e Povos Indígenas ("Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós", em janeiro de 2020) (G1, 2020c).

É de se destacar, igualmente, a falta de percepção da diferença entre o público e o privado, quando declarou que "Eu sou a Constituição", em abril (FOLHA, 2020b), assim como a busca pela proteção de sua família ao declarar, em uma de suas *lives*, que: "Se eu puder dar o filé mignon para o meu filho, eu dou", quando intentava nomear um de seus filhos como Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, em julho de 2019 (VEJA, 2019).

#### VI

Por sua vez, a sociedade de castas reflete o racismo institucional e estrutural, o que pode ser identificado, num primeiro momento, pelo fato de o Brasil ter a polícia que mais mata e a que mais morre, e, por outro, pela linha abissal que separa a sociedade em classes <sup>17</sup>. A primeira característica é que a maioria dos policiais com baixa patente tem origem em classes sociais pobres, conforme afirmou Antônio Carlos Costa, Presidente da ONG Rio de Paz: "É pobre matando pobre. O pobre, seja ele morador de favela ou policial, não se dá conta do que está acima dele e o joga contra seu semelhante. O Estado joga um brasileiro contra o outro" (CARTACAPITAL, 2020b).

Nos últimos anos, a morte por e de policiais aumentou: no ano de 2019, o Rio de Janeiro registrou o maior número de mortes por policiais desde o início da contagem, em 1988 (G1, 2020), sendo que 80% dos mortos no segundo semestre do ano eram negros ou pardos (G1, 2020a) e, em 2020 (de janeiro a maio), registrou-se o maior número de mortes por policiais em 22 anos (741), com média de 5 mortes diárias (G1, 2020i); na quarentena, aumentou em 43% a morte pela polícia, mesmo com o declínio de atos delituosos (FOLHA, 2020c). Em São Paulo, registrou-se o aumento de 60% de mortes por batalhões e de 44% por policiais militares; a morte de policiais, por sua vez, teve aumento de 138% (G1, 2020b).

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Expressão utilizada para designar a diferenciação de grupos sociais em razão de sua capacidade financeira.

As recorrências do racismo estrutural podem ser exemplificadas com situações, que obtiveram projeção nacional, e relacionaram (*i*) agentes do Estado e cidadãos, (*ii*) cidadãos e agentes do Estado e (*iii*) entre cidadãos, mas que possuem a mesma marca da raça como critério de classificação social e inferiorização.

Em maio, um empresário e morador de Alphaville dirigiu-se a um policial, que atendia a ocorrência em frente à sua residência, mencionando: "Não pisa na minha calçada. Você é um lixo. Você pode ser macho na periferia, mas aqui você é um bosta. Aqui é Alphaville, mano" (NOTÍCIA PRETA, 2020). Essa expressão corrobora a percepção de que pobres, negras e negros, faveladas e favelados prosseguem sendo as pessoas consideradas inferiores, *matáveis*, mesmo que esta pessoa ocupe um cargo de autoridade pública. Também, no início de julho, no Rio de Janeiro, durante atuação da Vigilância Sanitária para evitar aglomerações, tal categorização social foi apontada por uma das pessoas abordadas, que replicou: "Cidadão, não. Engenheiro civil, formado. Melhor do que você" (G1f, 2020). Já a comunhão dos elementos de racismo/classismo/patrimonialismo é demonstrada com atitude de um cidadão e servidor público do Poder Judiciário um Guarda Municipal, que o abordou, como "analfabeto", que "decreto não é lei" e procedeu com a famigerada *carteirada* (ÉPOCA, 2020).

De outro lado, no início do mês de julho, uma comerciante negra foi imobilizada por um policial que pisou em seu pescoço e a arrastou na via (G1, 2020h) evidenciando que o comportamento policial, que representa a atuação do Estado, é diferente, depender do grupo social a que se dirige. No início de agosto, em Valinhos – SP, um morador de condomínio, considerado de classe média-alta, se dirigiu a um entregador de aplicativo como "preto, favelado, pobre, olha seu tênis furado", e "você tem inveja disso daqui', apontado para sua pele, de cor branca (G1, 2020e), em explícita prática de racismo.

Os casos, acima mencionados, apontam para as características da colonialidade, sobretudo, pela racialização, e do populismo, que possui, na colonialidade, uma de suas decorrências. Conforme sintetiza Durán (1996, p. 107-8) o Estado, que se constitui da colonialidade e que atua enquanto populista o faz "[...] desde un punto de vista estructural y globalizante, en el que se contemplan como estrechamente integradas y vinculadas entre sí las bases económico-sociales, político-institucionales y simbólico-legitimadoras de dicho Estado", do qual se denota a permanência de posturas típicas de uma sociedade de castas, ou de grupos que mantém a dupla consciência. Essa premissa converge com o entendimento de Souza (2017, p. 169) sobre a atuação da classe média, portadora do conhecimento técnico,

que serve à *elite do dinheiro* e se visualiza enquanto tal, ao mesmo tempo que cultiva "[...] um ódio e um desprezo cevados secularmente pelo povo".

#### VII

A fragilidade da esfera pública e das relações sociais é recorrente na América Latina e no Brasil, que ainda apresenta características colonialistas latentes, em que se afirma a desigualdade natural, ao mesmo tempo em que se desconsidera a desigualdade social, o que, para o Professor David (2020, p. 13), "deixa de ser um problema a enfrentar e passa a ser lida como uma consequência inevitável da vida social humana, sendo apenas a miséria, a pobreza que força uma vida para aquém dos limites da dignidade, um problema social verdadeiro".

A pobreza e a miséria estão, umbilicalmente, relacionadas com/direcionadas aos *matáveis*, a quem a violência se volta como natural, e é promovida pelo neoliberalismo (GOMES, 2020) e/ou pelo neocolonialismo, marcado pela individualidade e a exacerbação das liberdades negativas, em detrimento às liberdades positivas e ao cuidado com a coisa pública – de todas e todos.

O comportamento antirrepublicano de parte da população brasileira que se manifesta favorável, por exemplo, a *um novo AI-5*<sup>18</sup>, tem respaldo do Presidente, que afirmou, durante uma manifestação dessa natureza, em abril, que "Não queremos negociar nada" (VEJA, 2019), corroborando a fala de um de seus filhos, Deputado Federal, que, em entrevista de outubro de 2019, se referiu *às esquerdas* como "[...] um inimigo interno de difícil identificação aqui dentro do país [...]. E a resposta, ela pode ser via um novo AI-5, via uma legislação aprovada através de um plebiscito, como aconteceu na Itália" (ÉPOCA, 2019).

Essa mesma postura se verifica em relação aos demais Países da América Latina, seja nas investidas contra Cuba, quando o Presidente, então eleito, afirmou, em dezembro de 2018, que os médicos cubanos, atuantes no Programa Mais Médicos, "Estavam aqui vigiando, tomando conta do trabalho escravo praticado por eles aqui dentro" (CORREIO BRAZILIENSE, 2018), seja quando declarou, em abril de 2019, que apoiaria os Estados Unidos em uma possível invasão na Venezuela: "A intenção que existe pelo americano e nossa também é haver uma fissura, uma divisão, no Exército venezuelano. [...] quem decide se o país vive numa democracia ou numa ditadura são as Forças Armadas" (EXAME, 2019).

<sup>18</sup> Ato Institucional Nº 5, de 13 de dezembro de 1968. São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências. (BRASIL, 1968).

Esse alinhamento com o Norte, hoje, com a força política e econômica representada pelos Estados Unidos, é indicativo do prosseguimento da colonialidade e do precário senso de identidade nacional e de perspectiva republicana do/no Brasil. A postura passiva, que aponta para a *declaração* de inferioridade e submissão do projeto atual do Governo Federal, se espelha tanto na continência, prestada pelo Presidente brasileiro, à bandeira estadunidense e à alteração do próprio bordão de campanha "Brasil e Estados Unidos acima de tudo" (maio de 2019) (TERRA, 2019), quanto na afirmação de "I love you" ao Presidente Estadunidense (setembro de 2019) (ISTOÉ, 2019), ou quando cedeu, em novembro de 2019, a Base de Alcântara aos Estados Unidos sem contrapartida e sob ameaça a Quilombolas da região (THE INTERCEPT, 2019).

Postura oposta é verificada em relação à Argentina, que, com a eleição de Alberto Fernández, em dezembro de 2019, o Presidente Brasileiro negou-se a cumprimentar o colega e ventilou a possibilidade de fragilização das relações no MERCOSUL (BBCNEWS, 2019). O resultado é o maior afastamento entre os Países em 35 anos (BBCNEWS, 2020), com repercussões diretas na economia, deixando, Argentina e Brasil, de serem os maiores parceiros comerciais em junho de 2020 (CARTACAPITAL, 2020a). A postura de subserviência, de um lado, e de superioridade, de outro, adotadas pelo Representante máximo do Brasil, varia conforme o *interlocutor*, e demonstra que ainda prevalece a máxima de uma América Latina decorrente de colônias de coexistência isolada, ou de uniformidade sem unidade (RIBEIRO, 2017), sobretudo, no aspecto de comunicação e diálogo no campo político.

### Considerações finais

No caminho para as considerações finais, é importante destacar que a expressão *brasileiro* indica, pelo seu sufixo, um ofício, e não uma origem. Chamava-se brasileiro a pessoa que extraía pau-brasil das florestas das terras colonizadas, termo pejorativo, já que se tratava de atividade desenvolvida pelos homens banidos de Portugal (SALVADOR, 1965). Com o tempo, surgiu a identidade de *português* e de *brasileiro* e a consciência dessa diferença identitária.

É possível afirmar que a identidade brasileira é totalizante, assim como a que designou *índio* ou *negro*, e a própria expressão *América Latina*<sup>19</sup>: a decorrente da dualidade modernidade/colonialidade, europeu/não-europeu, superior/inferior, em que a inferioridade é relegada aos diferentes (do europeu, e não dentre as próprias diferenças). Compreender a extensão desse elemento, fundador da América Latina e do Brasil, prossegue sendo uma das pedras angulares para se discutir a atualidade e ensaiar passos para o futuro.

O exercício de compreensão de tempos passados, com fins de criar condições mais claras para abordar os novos desafios, alicerça-se na premissa de que a contemporaneidade apresenta características marcantes, mas ainda não suficientes para a superação das questões centrais da modernidade/colonialidade, como são as de raça, de sistema-mundo capitalista e de identidade nacional (SANTOS, 2020), e que ainda integram o cotidiano do Brasil, como demonstrado pelos exemplos, acima mencionados. O Professor David (2020, p. 20) destaca "[...] o caráter totalizante do sistema escravista colonial, e de sua herança presente, para a conformação da sociedade brasileira como um todo", na silhueta do senhor escravocrata, capitalista, machista, com risco de as classes sociais subalternizadas incorporarem "[...] como ideal de sua autoimagem o perfil de um mando ilimitado sobre posses, corpos e vidas. Não por acaso, o atual fenômeno de regressão atravessa visivelmente as fronteiras de classe".

Maldonado-Torres (2017, p. 120) destaca que, "ainda que, já raramente, se justifiquem formas de dominação racial utilizando o conceito de raça", essa ideia regulou a sociedade latino-americana/brasileira por mais de 5 séculos, de modo que "[...] mostrar sua falsidade não é suficiente para alterar a estrutura de poder nem o comportamento dos sujeitos", em "[...] de uma infra-estrutura social que continua e dissemina o preconceito racial de distintas formas". Falar, pois, de um Estado de Bem-Estar Social materializado, para além da previsão constitucional, exige que se reconheça que ele "[...] nunca foi muito robusto, em processo de desmonte" (GOMES, 2020, p. 20), seja pelo sistema-mundo capitalista, representado por um mercado predatório, que se impõe a uma sociedade fragilizada, que apresenta parcos espasmos de consciência do *lugar* que ocupa, seja pela ausência de questionamentos, como:

Por que a população carcerária é, majoritariamente, negra? Por que a mulher negra é, economicamente, desvalorizada, em relação ao homem negro, à mulher branca e ao homem branco? Por que os latinos são considerados/se consideram inferiores aos estadunidenses? Por

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Mignolo (2007) explica que a América representava a materialização da façanha de Américo Vespúcio, o que ensejou a desconsideração de regiões importantes (topônimos), como Tawantinsuyu, Anáhuac e Abya-Yala, irrelevantes nos mapas geopolíticos europeus.

que quem mais produz é quem aufere menos lucros? Por que, em plena pandemia, as elites acumulam ainda mais poder financeiro (inclusive as elites dos países periféricos) e os países periféricos ficam mais pobres?<sup>20</sup>

Tais inquietações podem ser problematizadas ao se considerar a estrutura de padrão mundial de poder, que, ao mesmo tempo em que considera que o mundo está avançando para a *quarta revolução*, a tecnológica, apresentada como alternativa para a acumulação de capital, mantém a *outra* faceta, a oculta, que é o capital robotizado, sem considerar, com igual destaque, a mão-de-obra humana que será descartada, não, sem antes, ser, paulatinamente, explorada e precarizada. O capital tecnológico não será apropriado pela maioria das pessoas, que, até então, eram a mão-de-obra industrial. Esses ensaios podem ser verificados com as propostas de reformas em direitos trabalhistas e previdenciários em muitos Países, como o Brasil.

Traçadas as características históricas e, socialmente, negativas, também se traçam ensaios de alternativas, que perpassam, necessariamente, pelo enfrentamento daquelas. As problematizações prosseguem em setores sociais neomarginalizados, que, até então, não haviam se organizado, como os entregadores de aplicativos e o marco do *Breque dos Apps*. A situação pandêmica, inédita no último século, escancara a fragilidade de um sistema que poderá sofrer ajustes para se manter, mas, também, pressões para abrir espaço para formas sociais mais solidárias, e para além de situações circunstanciais.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Segundo pesquisa da OXFAM, "[...] entre 18 de março e 12 de julho, o patrimônio dos 42 bilionários do Brasil passou de US\$ 123,1 bilhões para US\$ 157,1 bilhões" (G1, 2020j, s/p.).

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AOS FATOS. **Todas as declarações de Bolsonaro**. 2020. Disponível em. Acesso em: 08 Ago. 2020.

BBCNEWS. 'Falta de clima' com Bolsonaro deixa presidente eleito da Argentina de fora de encontro do Mercosul. 2019. Disponível em: <a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50606788">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50606788</a>. Acesso em: 06 Ago. 2020.

BBCNEWS. Com pandemia, entregadores de app têm mais trabalho, menos renda e maior risco à saúde. 2020a. Disponível em: <a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53258465">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53258465</a>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

BBCNEWS. Sob Bolsonaro e Fernandez, Brasil e Argentina vivem maior afastamento em 35 anos. 2020b. Disponível em: <a href="https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53215350">https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53215350</a>. Acesso em: 08 Ago. 2020.

BIGNOTTO, Newton. **Matrizes do Republicanismo.** Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BRASIL. **Ato Institucional Nº 5, de 13 de dezembro de 1968**. 1968. Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/AIT/ait-05-68.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/AIT/ait-05-68.htm</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

CARTACAPITAL. Brasil perde posto de maior parceiro comercial da Argentina. 2020a. Disponível em: <a href="https://www.cartacapital.com.br/economia/brasil-perde-posto-de-maior-parceiro-comercial-da-argentina/">https://www.cartacapital.com.br/economia/brasil-perde-posto-de-maior-parceiro-comercial-da-argentina/</a>. Acesso em: 07 Ago. 2020.

CARTACAPITAL. **No Complexo do Alemão, é pobre matando pobre**. 2020b.
Disponível em:
<a href="https://www.cartacapital.com.br/sociedade/complexo-do-alemao-nessa-situacao-do-alemao-

vitimas-e-algozes-se-confundem-7660/. Acesso em: 11 Ago. 2020.

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (una redefinición). *In*: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Comp.). **La teoría marxista hoy.** Problemas y perspectivas. Buenos Aires, CLACSO, 2006. p. 409-434.

CORREIO BRAZILIENSE. **Presidente eleito acusa cubanos do Mais Médicos de espionagem. 2018.** Disponível em: <a href="https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/19/interna\_politica/726215/presidente-eleito-acusa-cubanos-do-mais-medicos-de-espionagem.shtml">https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/19/interna\_politica/726215/presidente-eleito-acusa-cubanos-do-mais-medicos-de-espionagem.shtml. Acesso em: 02 Ago. 2020.

DURÁN, Francisco Entrena. Los populismos y la formación del Estadonación en América Latina. **Anuario de Estudios Americanos**, v. 53, n. 1, p. 101-121, 1996.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e Eurocentrismo.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia de la Liberación.** Bogotá: Nueva América, 1996.

DUSSEL, Henrique. 1492. **El encubrimiento del outro.** Quito: Abya-Yala, 1994.

ÉPOCA. Quem é o desembargador que desdenhou da lei ao ser multado em Santos. 2020. Disponível em: <a href="https://epoca.globo.com/brasil/quem-o-desembargador-que-desdenhou-da-lei-ao-ser-multado-em-santos-24548160">https://epoca.globo.com/brasil/quem-o-desembargador-que-desdenhou-da-lei-ao-ser-multado-em-santos-24548160</a>. Acesso em: 13 Ago. 2020.

- ÉPOCA. **Eduardo Bolsonaro:** 'Se a esquerda radicalizar, resposta pode ser via um novo AI-5'. 2019. Disponível em: <a href="https://epoca.globo.com/brasil/eduardo-bolsonaro-se-esquerda-radicalizar-resposta-pode-ser-via-um-novo-ai-5-1-24053788">https://epoca.globo.com/brasil/eduardo-bolsonaro-se-esquerda-radicalizar-resposta-pode-ser-via-um-novo-ai-5-1-24053788</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.
- ESTADO DE MINAS. Bolsonaro, o candidato antissistema que se anuncia como salvador da pátria. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/interna cional/2018/10/07/interna\_internacional,99 5356/bolsonaro-o-candidato-antissistema-que-se-anuncia-como-salvador-dapa.shtml. Acesso em: 03 Ago. 2020.
- EXAME. **Bolsonaro**: Falarei com Congresso em caso de invasão na Venezuela pelos EUA. 2019. Disponível em: <a href="https://exame.com/brasil/bolsonaro-falarei-com-congresso-em-caso-de-invasao-na-venezuela-pelos-eua/">https://exame.com/brasil/bolsonaro-falarei-com-congresso-em-caso-de-invasao-na-venezuela-pelos-eua/</a>. Acesso em: 03 Ago. 2020.
- FOLHA. **6 em cada 10 informais têm auxílio emergencial aprovado**. 2020a. Disponível em: <a href="https://agora.folha.uol.com.br/grana/2020/05/6-em-cada-10-informais-tem-auxilio-emergencial-aprovado.shtml">https://agora.folha.uol.com.br/grana/2020/05/6-em-cada-10-informais-tem-auxilio-emergencial-aprovado.shtml</a>. Acesso em: 13 Ago. 2020.
- FOLHA. Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro ao defender democracia e liberdade um dia após ato pró-golpe militar. 2020b. Disponível em: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml</a>. Acesso em: 05 Ago. 2020.
- FOLHA. Mortes por policiais crescem 43% no RJ durante quarentena, na contramão de crimes. 2020. Disponível em: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2">https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2</a> 020/05/mortes-por-policiais-crescem-43-

- <u>no-rj-durante-quarentena-na-contramao-de-crimes.shtml</u>. Acesso em: 09 Ago. 2020.
- GOMES, David F. L. Brasil, 2020: tentativa de diagnóstico. **Revista de Ciências do Estado**, v. 6, n. 1, p. 1-39, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revice/article/view/e28895/e28895. Acesso em: 24 Jan. 2021.
- G1. Em 2019, RJ tem maior número de mortes por policiais desde o início da série histórica, diz ISP. 2019. Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/25/em-2019-rj-tem-maior-numero-de-mortos-por-policiais-desde-o-inicio-da-serie-historica.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/25/em-2019-rj-tem-maior-numero-de-mortos-por-policiais-desde-o-inicio-da-serie-historica.ghtml</a>. Acesso em: 09 Ago. 2020.
- G1. 80% dos mortos por policiais no RJ no 1° semestre de 2019 eram negros e pardos, aponta levantamento. 2020a. Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/08/80percent-dos-mortos-por-policiais-no-rj-no-1-semestre-de-2019-eram-negros-e-pardos-aponta-levantamento.ghtml">https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/08/80percent-dos-mortos-por-policiais-no-rj-no-1-semestre-de-2019-eram-negros-e-pardos-aponta-levantamento.ghtml</a>. Acesso em: 09 Ago. 2020.
- G1. Batalhões da Grande SP matam 60% mais em 2020; na capital, aumento de mortes por policiais militares chega a 44%. 2020b. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/23/batalhoes-dagrande-sp-matam-60percent-mais-em-2020-na-capital-aumento-de-mortes-por-policiais-militares-chega-a-44percent.ghtml. Acesso em: 09 Ago. 2020.
- G1. Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós', diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. 2020c. Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-">https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-</a>

transmissao-nas-redes-sociais.ghtml. Acesso em: 05 Ago. 2020.

- G1. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre. 2020d. Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml">https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml</a> 28.04.20. Acesso em: 05 Ago. 2020.
- G1. Entregador sofre ofensas racistas em condomínio de Valinhos. 2020e. Disponível em: Disponível em: https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/08/07/entregador-registra-boletim-de-ocorrencia-apos-sofrer-ofensas-racistas-em-condominio-de-valinhos-video.ghtml. Acesso em: 14 Ago. 2020.
- G1. Fiscais sofrem ataques ao reprimir aglomerações em bares do Rio; veja flagrantes. 2020f. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/202 0/07/05/fiscais-sofrem-ataques-ao-reprimir-aglomeracoes-em-bares-do-rio-veja-flagrantes.ghtml. Acesso em: 14 Ago. 2020.
- G1. 'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por 2020g. Disponível coronavírus. em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/ 04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaroao-responder-sobre-mortos-porcoronavirus.ghtml. 20.04.2020. Acesso em: 08 Ago. 2020.
- G1. Policial pisa no pescoço de mulher negra e arrasta a vítima na zona sul de SP. 2020h. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2 020/07/policial-pisa-no-pescoco-de-mulher-negra-e-arrasta-a-vitima-na-zona-sul-de-sp.shtml. Acesso em: 12 Ago. 2020.

- G1. RJ tem maior número de mortes por policiais em 22 anos; e o 2º menor índice de homicídios já registrado pelo ISP. 2020i. Disponível em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/22/rj-tem-maior-numero-de-mortes-por-policiais-em-22-anos-e-o-2o-menor-indice-de-homicidios-ja-registrado-pelo-isp.ghtml. Acesso em: 08 Ago. 2020.
- G1. Patrimônio dos super-ricos brasileiros cresce US\$ 34 bilhões durante a pandemia, diz Oxfam. 2020j. Disponível em: <a href="https://g1.globo.com/economia/noticia/202">https://g1.globo.com/economia/noticia/202</a> 0/07/27/patrimonio-dos-super-ricos-brasileiros-cresce-us-34-bilhoes-durante-a-pandemia-diz-oxfam.ghtml. Acesso em: 14 Ago. 2020.
- GORCZEVSKI, Clovis; MARTÍN, Nuria Belloso. A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática. São Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.
- IANNI, Octávio. **A formação do Estado populista na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. **Estudos Avançados,** v. 2, n. 1, p. 5-40, 1988.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **CENSO Agropecuário 2017.** Disponível em: <a href="https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/">https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/</a>. Acesso em: 01 Ago. 2020.
- ISTOÉ. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. 2018. Disponível em: <a href="https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/">https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

ISTOÉ. Bolsonaro diz 'I love you' para Trump, que desdenha: 'Bom te ver de novo'. 2019. Disponpivel em: <a href="https://istoe.com.br/bolsonaro-diz-i-love-you-para-trump-que-desdenha-bom-te-ver-de-novo/">https://istoe.com.br/bolsonaro-diz-i-love-you-para-trump-que-desdenha-bom-te-ver-de-novo/</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Pensamento crítico desde a subalteridade: os Estudos Étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI. **Afro-Ásia**, n. 34, 2017.

MELATTI, Júlio Cesar. **Índios do Brasil.** Brasília: MEC-SEED, 2001.

MIGNOLO, Walter. D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. 33-49.

MIGNOLO, Walter. La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Gedisa. 2007.

NEXO. Como Bolsonaro reagiu à pandemia até as 100 mil mortes. 2020. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2 020/08/07/Como-Bolsonaro-reagiu-%C3%A0-pandemia-at%C3%A9-as-100-mil-mortes. Acesso em: 14 Ago. 2020.

NOTÍCIA PRETA. "Você pode ser macho na periferia, mas aqui é um bosta. Aqui é Alphaville", diz empresário que xingou PM. 2020. Disponível em: https://noticiapreta.com.br/voce-pode-ser-macho-na-periferia-mas-aqui-e-um-bosta-aqui-e-alphaville-diz-empresario-que-xingou-pm/. Acesso em: 11 Ago. 2020.

NOTÍCIAS UOL. "Tem medo do quê? Enfrenta": lembre frases de Bolsonado

durante a pandemia. 2020. Disponível em: <a href="https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/08/bolsonaro-pandemia-100-mil-mortes-fala.htm?cmpid">https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/08/bolsonaro-pandemia-100-mil-mortes-fala.htm?cmpid</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

OXFAN. *Relatório executivo*: Terra, poder e desigualdade na América Latina. Disponível em: <a href="https://www.oxfam.org.br/publicacao/relatorio-executivo-terra-poder-e-desigualdade-na-america-latina/">https://www.oxfam.org.br/publicacao/relatorio-executivo-terra-poder-e-desigualdade-na-america-latina/</a>. Acesso em: 04 Ago. 2020.

POMER, Leon. **As independências na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENEZES, Maria Paula. **Epistemologias do sul.** Lisboa: Almedina, 2009. p. 73-117.

OUIJANO. Aníbal. Colonialidade Poder, Eurocentrismo e América Latina. LANDER, Edgard (Org). colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, cap. 9, p. 117-142. Disponível http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/ sur-sur/20100624103322/12\_Quijano.pdf. Acesso em: 12 Ago. 2020.

REMIR TRABALHO. Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (Remir Trabalho) ouviu 252 pessoas de 26 cidades entre os dias 13 e 20 de abril por meio de um questionário online. 2020. Disponível em: <a href="http://abet-trabalho.org.br/remir-trabalho/">http://abet-trabalho.org.br/remir-trabalho/</a>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

REVISTA FÓRUM. Informalidade no país bate recorde neste último trimestre de governo Bolsonaro. Disponível em: <a href="https://revistaforum.com.br/politica/bolson">https://revistaforum.com.br/politica/bolson</a>

<u>aro/informalidade-no-pais-bate-recorde-neste-ultimo-trimestre-de-governo-bolsonaro/</u> 27.09.2019. Acesso em: 06 Ago. 2020.

REVISTA PIAUÍ. **Vou intervir!** 2020. Disponível em: <a href="https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vou-intervir/">https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vou-intervir/</a>. Acesso em: 04 Ago. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **América Latina**: pátria grande. São Paulo: Global, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A difícil democracia. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Denise Tatiane Girardon dos. **Estados Plurinacionais na América Latina:** cenários para o republicanismo na contemporaneidade. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. Da 'invasão' da América aos sistemas penais hoje: o discurso da 'inferioridade' latino-americana. *In*: WOLKMER, Antônio Carlos (Org.). **Fundamentos de História do Direito.** Belo Horizonte: Del Rey, 2008. p. 271-316.

SOUSA, Adriano Corrêa de. A emancipação como objetivo central do novo constitucionalismo latinoamericano: os caminhos para um constitucionalismo da libertação. *In*: VAL, Eduardo Manuel; BELLO, Enzo. **O pensamento pós e descolonial no novo constitucionalismo latino-americano.** Caxias do Sul: Educs, 2014. p. 65-86.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros.** Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2012.

TERRA. Bolsonaro bate continência à bandeira dos EUA e muda bordão. 2019. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/bolsonar o-recebe-premio-bate-continencia-a-bandeira-dos-eua-e-erra-o-proprio-bordao,3e51701c017f264ac65c2f3bcce8d1 c0oldta994.html. Acesso em: 01 Ago. 2020

THE INTERCEPT. 'Bolsonaro vai dar nossa terra aos americanos': concessão da base de Alcântara aos EUA ameaça quilombolas. 2019. Disponível em: <a href="https://theintercept.com/2019/11/15/bolsonaro-entrega-alcantara-eua-ameaca-quilombolas/">https://theintercept.com/2019/11/15/bolsonaro-entrega-alcantara-eua-ameaca-quilombolas/</a>. Acesso em: 01 Ago. 2020.

TWITTER.COM. Disponível em: <a href="https://twitter.com/jairbolsonaro/status/111">https://twitter.com/jairbolsonaro/status/111</a> 1735270234353667. Acesso em: 01 Ago. 2020.

VEJA. "Não queremos negociar nada", diz Bolsonaro em manifestação que pedia AI-5. 2019. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/19/jair-bolsoanaro-nao-queremos-negociar-nada-manifestacao-anti-congresso.htm?cmpid. Acesso em: 01 Ago. 2020.

VEJA. 'Pretendo beneficiar um filho meu, sim', diz Bolsonaro sobre Eduardo. 2020. Disponível em: <a href="https://veja.abril.com.br/politica/pretendo-beneficiar-um-filho-meu-sim-diz-bolsonaro-sobre-eduardo/">https://veja.abril.com.br/politica/pretendo-beneficiar-um-filho-meu-sim-diz-bolsonaro-sobre-eduardo/</a>. Acesso em: 02 Ago. 2020.

WOLKMER, Antônio Carlos. Repensando a questão da historicidade do Estado e do Direito na América Latina. **Panóptica**, v. 1, n. 4, p. 82-95, 2006.

# EL BRASIL LATINOAMERICANO: COLONIALIDAD, DÉFICIT REPUBLICANO E INQUIETUDES SOBRE PARA EL FUTURO, POR LA PERSPECTIVA DESCOLONIAL

Denise Tatiane Girardon dos Santos

**Como citar este artigo:** SANTOS, Denise Tatiane Girardon. O Brasil latino-americano: Colonialidade, défice republicano e inquietações sobre/para o futuro, pela perspectiva descolonial. **Revista de Ciências do Estado.** Belo Horizonte: v. 6, n. 1, e26211. ISSN: 2525-8036.

Resumen: El artículo tiene como objetivo realizar un enfoque sociopolítico brasileño contemporáneo, desde la perspectiva de la descolonialidad y de el enfoque geopolítico latinoamericano. Después de las independencias nacionales, los Países del Continente mantuvieron características colonialistas, como gobiernos oligárquicos y un marcado déficit de participación popular en la vida pública. El problema de investigación a responder es: ¿existen elementos actuales que configuran el mantenimiento de la colonialidad en Brasil hoy? La posible hipótesis es que la clasificación social basada en la raza, la desigualdad y una marcada concentración de la riqueza, el desarrollo dependiente y los recientes cambios legislativos en el ámbito laboral y de la seguridad social, que derivaron en el debilitamiento de los derechos sociales, son elementos indicativos de las prácticas neocoloniales en Brasil, pero también en otros países de América Latina, agravados por la pandemia de SARS-CoV-2. Como conclusión, se señala que, en el campo sociopolítico, la polarización y el populismo demagogo del actual proyecto de gobierno federal indican que los avances en la participación democrática popular son frágiles; por otro lado, hay movimientos sociales inéditos, organizados por grupos neo-marginados, como Breque dos Apps, mientras una posibilidad para una nueva perspectiva de conciencia política y participación social.

**Palabras clave**: populismo. Déficit republicano. Brasil. Crisis sociopolítica. Neomarginalización.